



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

THALITA SANTOS FURTADO

**NÃO É APENAS *AQUELE DA CLARICE FALCÃO E DO BATOM*:
CONSIDERAÇÕES SOBRE O VIDEOCLÍPE *SURVIVOR* (2015)**

GUARABIRA

2021

THALITA SANTOS FURTADO

**NÃO É APENAS AQUELE DA CLARICE FALCÃO E DO BATOM:
CONSIDERAÇÕES SOBRE O VIDEOCLÍPE *SURVIVOR* (2015)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso De Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima

**GUARABIRA
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F992n Furtado, Thalita Santos.

Não é apenas aquele da Clarice Falcão e do batom [manuscrito] : considerações sobre o videoclipe Survivor (2015) / Thalita Santos Furtado. - 2021.
29 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima , Departamento de História - CH."

1. História Cultural. 2. Videoclipe. 3. Clarice Falcão. I.

Título

21. ed. CDD 944.034

THALITA SANTOS FURTADO

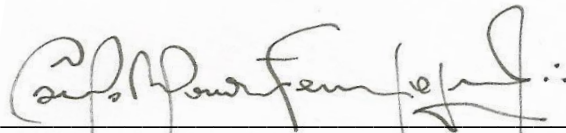
NÃO É APENAS AQUELE DA CLARICE FALCÃO E DO BATOM:
CONSIDERAÇÕES SOBRE O VIDEOCLÍPE SURVIVOR (2015)

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso de Licenciatura
Plena em História da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciada
em História.

Área de concentração: História Cultural

Aprovada em: 27/09/2021.

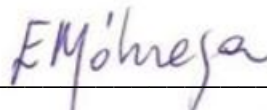
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Alômia Abrantes da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Elisa Mariana Nóbrega
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Para minha avó materna, Josefa Felipe dos Santos (*in memoriam*), que durante 92 anos foi uma sobrevivente.

“[...] Pode-se dizer “era uma vez”. Invocar
começos obscuros. Dizer o princípio. Mas
não o “fim”. História a continuar. História a
se fazer, também.” (PERROT, 2007, p.
169)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Clarice Falcão.....	15
Figura 2 – Símbolo do transfeminismo.....	16
Figura 3 – Estereotipagem da loucura.....	17

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	DA AUSÊNCIA PRESENTE À PRESENÇA ATUANTE.....	9
3	VIDEOCLÍPE: MTV E INTERNET.....	12
4	ANÁLISE DO VIDEOCLÍPE <i>SURVIVOR</i>	13
4.1	<i>Sobre a recepção do clipe</i>	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
	REFERÊNCIAS	22
	ANEXO A – VERSÕES DA MÚSICA <i>SURVIVOR</i>	24

NÃO É APENAS AQUELE DA CLARICE FALCÃO E DO BATOM: CONSIDERAÇÕES SOBRE O VIDEOCLÍPE *SURVIVOR* (2015)

Thalita Santos Furtado¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o videoclipe *Survivor* (2015), de Clarice Falcão, uma adaptação da música *Survivor* do grupo Destiny's Child, para compreender a sororidade e a dororidade. Para tal, iniciamos uma breve contextualização das mulheres, que por séculos foram invisibilizadas e silenciadas, enquanto sujeitas históricas. Em seguida, procuramos evidenciar a Music Television (MTV), para explicitar a sua relevância para a produção dos videoclipes e a ressignificação que essas produções tiveram com a internet. Logo após, analisamos o videoclipe para salientar os artifícios imagéticos como linguagem de resistência feminina. Analisamos, além disto, as performances corporais da diversidade dos corpos femininos e as escolhas das palavras que compõem o cenário do videoclipe com base em Bogado (2019), Gomes e Sorj (2016) e Soares (2013). Por fim, pesquisamos na imprensa da época a recepção do clipe, por meio dos debates dos usuários nos comentários da publicação, a fim de dimensionar a música como forma de potência e de empoderamento feminino. Nossa análise é pautada através de uma revisão crítica bibliográfica de Roschel (2020), Piedade (2020), Iser (1979), Jauss (1994).

Palavras-chave: História Cultural. Videoclipe. Clarice Falcão.

ABSTRACT

This article aims to analyze the music video *Survivor* (2015) by Clarice Falcão, an adaptation of the song *Survivor* by the girl group Destiny's Child, to understand sorority and dorority. Therefore, we begin with a brief contextualization of women, who for centuries were invisibilized and silenced as historical subjects. Then, we pursue to highlight the Music Television (MTV), to specify its relevance to produce music videos and the re-signification that these productions had with the internet. Soon after, we analyze the music video itself to highlight the imagetic devices as a language of female resistance. We analyze, moreover, the corporal performances of the diversity of female bodies and the choices of words that make up the scenario of the music video based on Bogado (2019), Gomes and Sorj (2016), and Soares (2013). Finally, we researched in the press of the time the response to the clip, through the users' debates in the comment section of the publication, to dimension the music as a form of power and female empowerment. Our analysis is guided by a critical literature review of Roschel (2020), Piedade (2020), Iser (1979), Jauss (1994).

Keywords: Cultural History. Music video. Clarice Falcão.

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: thalita.furtado10@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A popularização da internet, das mídias sociais e o avanço tecnológico possibilitou maior acessibilidade no que diz respeito às produções audiovisuais, antes restritas às grandes corporações de entretenimento. O videoclipe, que tem como uma das suas principais características o seu caráter híbrido, o qual utiliza como referência outras artes e linguagens na consolidação da sua estética, passou a incorporar o ambiente on-line como meio de impulsionar sua expressão artística potencializando a experiência de consumo musical.

De acordo com Pedroso (2006), o clipe é considerado um formato que transformou o modo como os sujeitos se relacionam com a música. Uma vez que, agora, não estimula apenas a perspectiva auditiva, como também instiga os outros sentidos a partir da visão. Assim sendo, ouvir uma canção após ter assistido a um videoclipe tende a reconfigurar o consumo da obra ao passo que afeta sensorialmente essa audiência, tendo em vista que as mensagens transmitidas a partir do campo imagético podem ultrapassar as letras das composições.

Enquanto artefato cultural, possui seu valor histórico e documental à medida que pode ser considerado um espaço para representar alguma realidade ou contexto histórico em que a produção está inserida. Segundo Trevisan (2011, p. 19-20), ele "[...] passa a ser reconhecido como uma das mais importantes formas culturais emergentes na cultura popular contemporânea, que teve denso impacto tanto na música, moda, cultura e juventude [...]", isto, enquanto produto relevante que se tornou a partir da *Music Television* (MTV). Analisá-lo, portanto, consiste em respeitar uma série de limites dentro do âmbito das possibilidades estéticas e socioculturais.

Clarice Falcão, pernambucana nascida no ano de 1989, em Recife, filha do cineasta João Falcão e da escritora Adriana Falcão, iniciou sua carreira artística como atriz participando de alguns trabalhos como o curta-metragem "Laços" (2007), escrito por sua mãe e da novela "A Favorita" (2008), da Rede Globo. Posteriormente, como roteirista, colaborou na produção de filmes, peças e séries, entre eles, "As cariocas" (2010). Enquanto cantora, passou a ganhar notoriedade a partir das músicas autorais publicadas na plataforma de vídeos Youtube através do EP Clarice Falcão – Singles (2012), subsequente vieram os discos Monomania (2013), Problema meu (2016) e Tem concerto (2019).

Em novembro de 2015, publicou na plataforma de vídeos Youtube o videoclipe "Clarice Falcão - *Survivor*"² que parte de uma releitura da música *Survivor* do grupo Destiny's Child, originalmente lançada em 2001, formado, na época, por Beyoncé Knowles, Kelly Rowland e Michelle Williams, e também disponível na mesma plataforma³. É na produção do audiovisual, uma manifestação política que perpassa pelas mobilizações da sociedade através dos aparatos das mídias sociais, logo, inserido na quarta onda do feminismo conforme Bogado (2019), e a partir da interpretação das 76 mulheres que aparecem ao decorrer dele, que percebemos a ressignificação dada à canção.

Dirigido por Célio Porto e pela própria Clarice Falcão, em termos imagéticos, a mensagem do clipe se comporta de maneira intensa e emblemática. Enquanto a letra da música, mantida em inglês – disposta, neste trabalho, assim como a sua tradução,

² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NlxFf40Lqx4>> Acesso em 03 de ago. 2021.

³ A música foi escrita por Beyoncé, Mathew Knowles e Anthony Dent. Videoclipe disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Wmc8bQoL-J0>> Acesso em 03 de mar. 2021.

no anexo A – tanto na versão original, quanto na releitura, tenta desconstruir uma suposta dependência feminina em relação aos homens, no clipe, as mulheres surgem em frente à câmera, num enquadramento em primeiro plano, sem qualquer tipo de efeito que disfarce as suas linhas de expressão do rosto e as suas rugas, que estão fora dos padrões estabelecidos pela didatura de beleza instaurada. Reunidas em sua pluralidade, recebem um batom vermelho, cor forte e relutante, para usarem da maneira que desejam e expressam, por meio dele, as suas lutas e reivindicações.

Para uma melhor compreensão, este trabalho está estruturado da seguinte forma: inicialmente trataremos uma breve contextualização das mulheres e das suas lutas enquanto sujeitas históricas, uma vez mergulhadas no patriarcado⁴, invisibilizadas historicamente e submersas em uma sociedade cheia de padrões e estereótipos. Posteriormente, trataremos a respeito da importância da *Music Television* (MTV) enquanto texto e contexto de relevância nas produções dos videoclipes e a resignificação que essas obras tiveram com a popularização da internet.

Em seguida, analisaremos o clipe *Survivor* de Clarice Falcão, perpassando os conceitos de sororidade e dororidade, abordando sobre a compreensão do uso do batom, o simbolismo da cor vermelha e outros recursos audiovisuais como linguagem de resistência feminina. Exploraremos, também, a diversidade e as performances⁵ corporais, as quais têm como finalidade tentar quebrar com o padrão estabelecido pela sociedade, visto que, o corpo político é um corpo indesejado e provocativo, e que, também, invoca resistência nos espaços em que ocupa. Dissertaremos, ademais, acerca das palavras que compõem o cenário do clipe, no qual observamos o mesmo intuito das performances corporais, bem como concepções de ordem estética, como o plano de fundo, o figurino, a iluminação e a edição do videoclipe.

Por fim, com o intuito de dimensioná-lo como forma de documento histórico, além de potência e de empoderamento feminino, analisaremos a recepção do clipe através dos conceitos de Iser e Jauss, os quais contribuíram para a Teoria Estética da Recepção. Isto, por meio da opinião dos usuários e dos seus debates, partindo dos comentários do clipe, publicado no YouTube, no canal falcaoclarice, explorando o ponto de vista dos receptores sobre o que viram e sentiram no decorrer da obra.

2 DA AUSÊNCIA PRESENTE À PRESENÇA ATUANTE

É fato que durante um longo período a mulher foi silenciada da memória social, bem como da historiografia, como pontua Michelle Perrot em *Os excluídos da história* (2017), uma vez que existia uma repulsa aos temas femininos, tal como aos temas que não estivessem inseridos no padrão estabelecido – homem branco e de classe alta. Ainda sobre essa exclusão, Perrot, em seu livro *Minha História das Mulheres* (2007) problematiza sobre esses mecanismos que contribuíram para tal apagamento que implicou na restrição enquanto sujeitas históricas na sociedade. Com relação a isso Berth (2019), ressalta uma problemática:

O silenciamento de grupos oprimidos [...] deixou um enorme atraso na produção de conhecimentos, visto que há uma incompletude em quase tudo

⁴ Conforme Gerda Lenner (2019), o patriarcado é um sistema que se mantém através de uma rede de relações e de dispositivos simbólicos em que a dominância masculina sobre as mulheres é institucionalizada na sociedade como um todo.

⁵ De acordo com Soares (2012), a performance no videoclipe diz respeito a uma expressão artística em que o corpo é utilizado como instrumento de comunicação.

que se propõe a estudar sobre temas correlatos, e uma superficialidade generalizada que foi mutilando todas as forças que carecem de conhecimento profundo para se atualizar e instrumentalizar a sociedade no sentido de viabilizar práticas de erradicação dos nossos problemas históricos (BERTH, 2019, p. 38)

Nesta perspectiva, foi devido à emergência de novos saberes e a partir da constatação de negação e de esquecimento⁶ que a reflexão histórica passou a incluir novos temas e abordagens nas suas pautas, entre as mesmas, os movimentos feministas, cuja pluralidade de pesquisas e abordagens no/sobre os séculos XX e XXI possuem demandas e realidades diferentes uma vez que esses movimentos ao longo da sua trajetória tiveram suas bandeiras ressignificadas em paralelo aos fluxos históricos, sociais e culturais.

Essas lutas começaram a ganhar forças na virada para o século XX, em meio a primeira onda⁷ feminista, na qual as sufragistas, como ficaram conhecidas, lutavam pelo direito ao voto. Mas, conforme Joan Scott (2019), a história das mulheres tomou o seu impulso a partir da década de 1970, na segunda onda feminista, em que elas ampliaram a sua gama de reivindicações para o plano pessoal e político buscando mudanças em relação aos costumes e à cultura uma vez que questionavam a condição feminina oprimida, conquistando, por exemplo, o direito ao mercado de trabalho e ao divórcio.

Por outro lado, Michelle Dean em *Afiadas* (2018), demonstra a presença atuante das mulheres ocupando espaços em grandes revistas, como a *New Yorker*, *Time* e *Washington Post*, num contexto em que o mundo não tinha a menor intenção em ouvir a opinião feminina. Enquanto críticas literárias, nomes como Dorothy Parker (1893-1967), Hannah Arendt (1906-1975), Mary McCarthy (1912-1989) e Susan Sontag (1933-2004) “[...] afrontaram abertamente as expectativas relacionadas a gênero [...]” (DEAN, 2018, p. 10), taxadas como afiadas, ácidas e intrometidas por serem elas mesmas, expuseram suas opiniões impactando os campos da arte e da política, isto muito antes dos movimentos feministas organizados e, por vezes, não foram simpatizantes deles quando vieram a florescer, o que implica dizer que nem sempre feministas são militantes.

Prosseguindo sua trajetória enquanto campo de conhecimento, na década de 1980 e 1990, na chamada terceira onda, noções acerca da construção de gênero ganharam notoriedade. Joan Scott (2019) discute que a distinção sexual tem natureza social e histórica, partindo desse entrave, as historiadoras feministas também começaram a usar o termo devido às preocupações com relação à questão de não haver somente um campo de estudo das mulheres, mas uma inserção dentro da historiografia geral, com o intuito de mostrar que elas estavam presentes nos fatos históricos. Além disso, os debates acerca da interseccionalidade começam a surgir para pensar os marcadores sociais, culturais e principalmente étnicos.

Por mais que muitas mulheres não se vejam como feministas e critiquem duramente os movimentos devido ao pejorativismo que lhe foi atribuído, negar o

⁶ De acordo com Perrot (2017), a negação ocorre quando se tem o conhecimento sobre a história das mulheres, mas prefere ignorar. Já o esquecimento, implica no "apagamento da memória", ou seja, quando não há produção de relatos historiográficos sobre elas como se não tivessem existido durante certos períodos da história.

⁷ Conforme Roschel (2020), a classificação do feminismo em ondas, caracterizam demandas e concepções que surgiram em dados momentos históricos e dominaram a efervescência daqueles debates, mas que não são concluídas ao final de cada uma. Além disso, antes mesmo dessas denominações, já existiram mulheres que lutavam pelos seus direitos.

caráter e a abertura que todas essas lutas proporcionaram e ainda continuam proporcionando seria desmerecer, inclusive, a vida ceifada das muitas que se dispuseram a combater e resistir às amarras da opressão de uma sociedade patriarcal, sexista e racista. À vista disso, Dean (2018) ressalta:

[...] Todas nós somos tocadas umas pelas outras e pelas histórias daquelas que nos precederam. Você pode traçar o seu próprio caminho, mas sempre fará isso seguindo aqueles abertos por outros, independentemente de gostar ou não deles, de concordar ou não com eles, desde que tenha a capacidade de transcender esses aspectos (DEAN, 2018, p. 366)

Neste sentido, a sororidade, termo recente que sequer está presente nos dicionários da nossa língua – mas em Espanhol temos *sor* e *soror* e em Português de Portugal como irmã, irmãzinha ou irmã no sentido religioso – vem ganhando espaço dentro dos movimentos, podendo até âncora-los, uma vez que o apoio, a união e a irmandade entre as mulheres também os impulsionam. Em 2017, de acordo com Roschel (2020), a pergunta "o que é sororidade?" ficou em quinto lugar entre as mais pesquisadas no Google. Etimologicamente falando:

A origem do termo é a palavra latina *soror*, que significa irmã. [...] O substantivo se apropria de significados como solidariedade entre irmãs, harmonia, e, sobretudo, aliança feminina, mas seu maior impacto está na luta contra a violência e injustiça relacionada ao gênero, sugerindo que através do apoio coletivo entre as mulheres é possível lutar pelo direito de todas (ROSCHEL, 2020, p. 14-15)

Portanto, através de uma aliança, a sororidade, em sua prática, entende e acolhe mulheres, levando em consideração situações que são agenciadas pela cultura machista. Não é sobre ser amiga de todas, mas ter a capacidade de se colocar no lugar da outra e de se enxergar nela. Algumas construções sobre a ideia de irmandade foram difundidas na segunda onda feminista com o *slogan Sisterhood is powerful* (A irmandade entre as mulheres é poderosa), e tornaram-se fundamentais à medida em que foram efetivadas, quando as mulheres se reuniram para o compartilhamento de experiências sobre a opressão e para debates das ideias feministas (ROSCHEL, 2020).

Através da repercussão de *hashtags* como #ChegadeFiuFiu⁸, #MeuAmigoSecreto⁹, #MeToo¹⁰ e #EleNão¹¹, por exemplo, constata-se a iniciativa de romper o silêncio e de compartilhar as mais diversas histórias incitadas pelo machismo e pela misoginia, em uma tentativa de buscar o apoio mútuo e a solidariedade, partindo do que já foi dito, sororidade. Vê-se o ambiente on-line como sendo propício para a intensificação e para a efervescência dos discursos feministas, por este lado,

⁸ Mobilização nas redes sociais em combate ao assédio sexual, partindo da iniciativa da ONG feminista Think Olga em 2013. <<https://thinkolga.com/projetos/chega-de-fiu-fiu/>>. Acesso em: jun. 2021.

⁹ Campanha de 2015 na qual mulheres relataram sobre situações de machismo e violência, identificando o agressor como "amigo secreto". Para mais informações: <<https://epoca.oglobo.globo.com/vida/experiencias-digitais/noticia/2015/11/meuamigosecreto-nova-campanha-na-internet-denuncia-o-machismo-nosso-de-cada-dia.html>>. Acesso em: jun. 2021.

¹⁰ Movimento pelo qual as mulheres denunciavam ter sido vítimas de abuso que ganhou força nas redes sociais no ano de 2017. Mais em: <<https://veja.abril.com.br/videos/veja-explica/voce-sabe-o-que-e-o-movimento-metoo-veja-explica/>> Acesso em: jun. 2021.

¹¹ Movimentação liderada por mulheres que saiu das redes sociais para às ruas em 2018 contra o até então candidato à presidência Jair Bolsonaro. <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>> Acesso em: jul. 2021.

com as potencialidades da internet, emerge um conceito que se constitui como uma força e como uma rede de laços sociais. Perez e Ricoldi (2019) retratam que esta é uma das características da quarta onda feminista, além da adoção de marcadores sociais atreladas ao gênero na luta feminista, através da interseccionalidade e a organização por meio de coletivos

Para além, numa percepção de que a sororidade não dá conta da pretitude, Vilma Piedade (2020) nos apresenta o conceito de dororidade, fundamental para aprofundar os diálogos feministas. “Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo” (PIEADADE, 2020, p. 17). Contudo, no que diz respeito às mulheres pretas, tal conceito traz o agravante do racismo, a dor é sentida pela cor da pele, fisicamente, moralmente e emocionalmente, cunhada por um período de escravização que ainda deixa resquícios. É a partir destes dois conceitos que vamos analisar o videoclipe *Survivor*, mas antes, é preciso que abordemos a importância da MTV como texto e contexto dos videoclipes e a reconfiguração que eles tiveram com a internet.

3 VIDEOCLIFE: MTV E INTERNET

O surgimento do videoclipe, na década de 1980, está relacionado diretamente ao avanço tecnológico dos dispositivos de sincronia do som e da imagem, tanto no cinema, quanto na televisão e, posteriormente, no vídeo. Esta sincronização da música e da imagem é um princípio fundamental do que veio a se chamar videoclipe, desde o início do século XX, as projeções do cinema já eram acompanhadas pela música, no entanto, a escolha das canções se davam a partir das imagens, um efeito inverso as produções dos videoclipes contemporâneos (SOARES, 2004).

Todavia, nosso objetivo aqui não é se ater a busca de uma origem, pois isso não é uma tarefa fácil, visto que existe uma diversidade de produtos em diferentes perspectivas e temporalidades que foram taxados como tal. Mas, inicialmente, procurar evidenciar a relevância da *Music Television*, comumente conhecida como MTV, como contexto de suma importância na linguagem videoclíptica, para depois pensar a (re)definição que essas produções tiveram com o advento da internet.

Conforme Trevisan (2011) apoiada nas ideias de Taveira (2006), a estética do videoclipe, ou o estilo MTV, colocados como sinônimos, é efêmera, fluida, variável e se altera com frequência. Uma vez que utiliza das mesmas referências dos recursos do cinema, da dinâmica da TV e da publicidade, torna-se multilateral e, em decorrência disso, rompe com uma narrativa linear e unilateral.

A popularização dessas produções audiovisuais deu-se por volta da década de 1980 através da criação da MTV. A MTV entrou em cena dia “[...] 1º de agosto de 1981, tendo exibido como primeiro clipe, Video Killed the Radio Star, do Buggles” (SOARES, 2004, p. 17). Estreava, então, nos Estados Unidos, uma emissora de televisão a cabo, que depois passou a ser aberta, a qual teria em sua programação, inicialmente, quase que exclusivamente a veiculação de videoclipes.

Não há como falar em videoclipe, sem falar na maior expressão de sua estética. Sem dúvida, a MTV reúne todas as características da fase contemporânea de comunicação. A MTV (leia-se: videoclipe) traz para a TV, onde antigamente predominava um formato figurativo, um novo estilo que se caracteriza pela união de música e imagem, não como uma alegoria, mas coexistindo de forma sinérgica (TREVISAN, 2011, p. 107)

Segundo Pedroso (2006), tudo teria começado quando a música deixou de ter apenas a dimensão auditiva e passou a estimular todos os sentidos a partir da visão. Diante disso, a MTV passou a se comportar como "um altar onde o público pode admirar esse estilo de "ver" música" (TREVISAN, 2011, p. 123). Desse modo, ao invés de tentar encaixar a música numa narrativa tradicional da televisão, buscou alterar a forma da TV para adequá-la a linguagem da música, conseqüentemente do videoclipe, ajudando numa mudança na forma de ouvi-la, pois os espectadores, agora, também passam a senti-la.

Com sua base estabelecida em Nova Iorque, nos Estados Unidos, não demorou muito para que a MTV estabelecesse filiais ao redor do mundo. Nessa disseminação, além de manter tal linguagem, destinada, principalmente, ao público jovem, cada filial deveria instaurar em sua "essência" marcas da cultura do país em que foi estabelecida. No Brasil:

Foi em 1990 que a MTV Brasil iniciou suas atividades exibindo como primeiro videoclipe *Garota de Ipanema*, na voz (e imagem) de Marina Lima. A MTV Brasil, além de proporcionar a disseminação do que podemos chamar de uma cultura videoclíptica no País, veio a fomentar a produção de clipes de bandas nacionais. Artistas como Paralamas do Sucesso, Skank, Titãs, Charlie Brown Jr., entre outros, cientes do potencial metodológico dos vídeos, se "aproximam" a então produtoras publicitárias para iniciar a disseminação de uma cultura imagética do clipe (SOARES, 2004, p. 19)

Contudo, a *Music Television* que, durante as décadas de 1980 e 1990, serviu de palco para o videoclipe foi perdendo sua força na década de 2000, e gradativamente passou a abandonar o seu formato original e, assim, se aproximando da grade de programação dos outros canais. Em contrapartida, com a popularização da internet e as práticas da cibercultura, "a antiga força da MTV agora flui por canais como o Youtube, que acentua ainda mais as tensões entre formatação, produção, distribuição e fruição dos vídeos" (SOARES, 2013, p. 15). Desta forma, os espectadores não precisam mais esperar para ver uma produção audiovisual na TV, basta dispor de um celular com acesso à internet para entrar na plataforma de vídeos YouTube, que, a partir do ano 2006, se tornou um dos sites de maior crescimento na rede, no qual encontra-se uma gama de produções.

Com o aparato dessas plataformas on-lines de compartilhamento, passou-se a ter uma maior difusão e uma maior pluralidade no que diz respeito aos vídeos. Diante desse aspecto, artistas nacionais e internacionais, além dos sujeitos e sujeitas anônimos e anônimas que ganham voz e vez, estão explorando e utilizando tais espaços para partilhar suas experiências com a linguagem audiovisual, distribuindo as suas produções, além de divulgarem as suas obras.

Portanto, por mais que atualmente exista essa acessibilidade e uma maior facilidade em relação às formas de produções audiovisuais e à distribuição desses trabalhos propiciadas por uma massificação da internet, é inegável a importância da MTV como contexto desses produtos. Por outro lado, também é perceptível a resignificação que os vídeos tiveram com a internet, de modo com que eles voltaram a ter a popularização presente nos anos de 1980.

4 ANÁLISE DO VIDEOCLÍPE *SURVIVOR*

Analisar uma produção audiovisual não consiste em explicá-la, mas questionar de onde vem o sentido que se atribui à ela. Não se pode aprisionar significados, pois

existe uma limitação que precisa ser respeitada ao tentar compreender de que forma são concepções de ordem cultural e estética. Além disso, a análise também vai depender da quantidade de informações que o analista dispõe sobre a obra e o contexto em que ela foi publicada (SOARES, 2004).

O videoclipe em questão foi publicado em novembro de 2015, na plataforma de vídeos Youtube, em meio ao que Bogado (2019) intitulou como sendo uma Primavera Feminista. Tal primavera diz respeito às manifestações propagadas no Brasil, pela qual mulheres foram às ruas no dia 13 de novembro do mesmo ano demonstrar as suas insatisfações, principalmente no que se refere ao retrocesso da aprovação do Projeto de Lei 5069/2013¹² que dificultava o atendimento e os cuidados médicos às vítimas de violência sexual.

Segundo Soares (2013), o videoclipe passou a ser uma importante ferramenta para o posicionamento dos artistas. Partindo dessa afirmação, Clarice Falcão, feminista engajada, reverte todos os lucros obtidos pela releitura para a ONG Think Olga¹³, fundada em 2013, que têm vários projetos e luta pelos direitos das mulheres utilizando da comunicação como uma das principais ferramentas para sensibilizar e educar a sociedade sobre questões de gênero e suas intersecções.¹⁴

Em uma análise se faz necessário evidenciar os papéis ficcionais ou sociais protagonizados, buscando entender de que forma as lutas e os desafios propostos pela narrativa do audiovisual se encaixam na sociedade (SOARES, 2004). Em vista disso, a obra retrata as trajetórias, as vitórias e as dores das 76 mulheres que aparecem durante o videoclipe, as quais expõem suas vulnerabilidades ao mesmo tempo em que mostram ser fortes e resistentes.

Conforme Martin (2005), a escolha do plano de uma produção está intrínseco à narrativa e é uma adequação entre o conteúdo e a sua dimensão – quanto mais aproximado um plano, menos elementos se tem para ver. Inicialmente, o clipe se inicia com Clarice Falcão em um superclose – seu rosto é delimitado entre o queixo e o limite da cabeça. Posteriormente, as 76 mulheres convidadas aparecem em primeiro plano, no qual “o personagem é enquadrado [...] servindo para mostrar características, intenções e atitudes [...]” (RODRIGUES, 2007, p. 29), constituindo-se como um elemento importante para evidenciar expressões faciais.

Como cenário, temos um fundo preto para dar ênfase nas participantes. No que diz respeito à iluminação, “[...] um fator decisivo de criação da expressividade da imagem [...]” (MARTIN, 2005, p. 71), foi feita por meio de um *ring light* caseiro, acessório com um círculo de luzes, produzido pela própria Clarice¹⁵. Sem a presença de figurinos, elas aparecem despidas dos ombros para cima, mas não todas. Enquanto canta os versos iniciais, Clarice Falcão (figura 1) e algumas mulheres, aparecem sem qualquer tipo de ajuste que cubra as suas “imperfeições”.

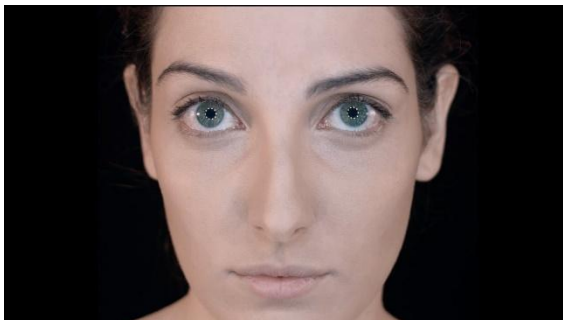
Figura 1: Clarice Falcão

¹² Ver mais em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/473569-ccj-aprova-mudanca-no-atendimento-a-vitimas-de-violencia-sexual/>> Acesso em: jun. 2021.

¹³ Informação postada na página oficial da ONG Think Olga no Facebook. <<https://www.facebook.com/thinkolga/posts/701359119999612/>>. Acesso em: jun. 2021.

¹⁴ Para mais informações sobre a ONG consultar <<https://thinkolga.com/>>. Acesso em: jun. 2021.

¹⁵ Em sua conta oficial do Instagram, Clarice Falcão fez uma publicação referindo-se à essa informação. <<https://www.instagram.com/p/9hHSUuRDGm/>> Acesso em: jul. 2021.



Fonte: Youtube (2015)¹⁶

Em seguida, aos 0°40”, começam a passar um batom vermelho na boca e, logo após, quando o refrão da música – “Eu sou uma sobrevivente, eu não vou desistir, eu não vou parar” (tradução em português) – se inicia aos 1°28”, ultrapassam a demarcação pintando os seus rostos e os seus corpos, produzindo, desta maneira, signos imagéticos das suas resistências. De acordo com Soares (2013), no clipe, ao cantar a música, as intérpretes estão vivendo as ações existentes na letra, os versos ganchos que normalmente dizem respeito ao refrão são um indicativo para escolhas estéticas e temáticas, visualmente metafóricos, eles tendem a expressar pensamentos, sentimentos e estados humanos. Neste sentido, no que diz respeito à cor vermelha do batom, o maquiador Dudu Castro, em entrevista para o site O Globo sobre o clipe, comenta:

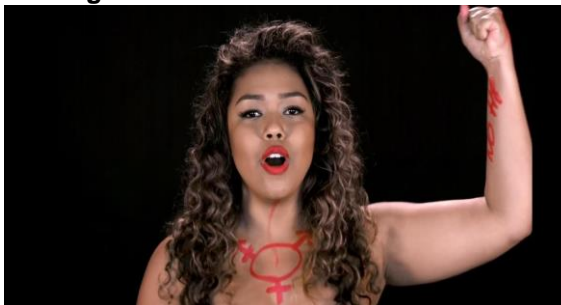
Nos filmes em preto-e-branco, o vermelho definia a boca das atrizes. Durante a Segunda Guerra, os batons eram batizados com nomes que remetiam à tensão mundial, como “vermelho luta” e “vermelho patriota”. Nas décadas seguintes, as divas Ava Gardner, Rita Hayworth, Bette Davis, Lauren Bacall, Elizabeth Taylor e Marilyn Monroe ajudaram a popularizar ainda mais o cosmético: pesquisas do final da década de 1950 revelam que mais de 90% das americanas pintavam a boca de vermelho. Já nos anos 1960, 1970, o tom foi estigmatizado, virou sinônimo de maquiagem vulgar. Agora, o batom que começou a ser difundido no século XVI e tinha Elizabeth I como garota-propaganda (ela usava uma mistura de cera de abelhas e plantas) volta a ser um símbolo do poder.¹⁷

Logo, podemos dizer que o batom vermelho, simbolicamente transformado em um instrumento de luta, está ligado à força e à ação ao mesmo tempo em que pode remeter ao sangue, resultado do feminicídio e da aniquilação de corpos. Esta luta, por sua vez, é representada desde a mais jovem apresentada no clipe, uma criança, até as mais velhas. Clarice Falcão em entrevista ao portal G1 relata: “O batom vermelho é o que a gente quer que seja. Demos um batom vermelho para cada uma das mulheres e nada foi dirigido. A magia veio toda delas”¹⁸, a partir disso, em concordância com a letra da canção, que tenta desconstruir uma suposta dependência das mulheres em relação aos homens, todas se expressaram conforme o sentimento de ser uma sobrevivente, demonstrando serem insubmissas e persistentes nas batalhas que são impostas pela sociedade (figura 2).

¹⁶ Captura de tela da cantora Clarice Falcão no videoclipe *Survivor* (2015). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NlxFf40Lqx4>> Acesso em: ago. 2021.

¹⁷ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/ela/beleza/batom-vermelho-vira-icone-em-campanhas-feministas-18162077>>. Acesso em: jun. 2021.

¹⁸ Disponível em: <<http://g1.globo.com/musica/noticia/2015/11/clarice-falcao-fala-de-clipe-batom-vermelho-e-o-que-quisermos-que-seja.html>> Acesso em: jun. 2021.

Figura 2 - Símbolo do transfeminismo

Fonte: Youtube (2015)¹⁹

Uma das premissas do clipe transmitidas ao espectador refere-se à diversidade dos corpos. Corpos estes que, muitas vezes, tiveram a sua ausência naturalizada nos espaços de poder; corpos estes que possuem as marcas e a dor cunhadas pelo sistema de escravização; corpos estes que precisam estar cobertos porque são “tentadores” e que mesmo cobertos estão sujeitos à sexualização; corpos estes que são vítimas das representações ocidentais de inferioridade; corpos estes que, em razão disto tudo e mais, se transformam em instrumentos de luta. Notamos “[...] uma linguagem política que passa pela performance e pelo uso do corpo como a principal plataforma de expressão [...]” (BOGADO, 2019, p. 32), no qual mulheres de diferentes idades, biotipos, aparências, etnias e identidades de gênero alternam-se em ações, em expressões e em sentimentos distintos.

Para Soares (2013), a performance no videoclipe integra uma produção de sentido conforme se articula ao visual e ao sonoro, havendo uma construção de imagens, que passam a operar com signos visuais, assim como percebemos em *Survivor*. Esta relação também é articulada na montagem, por meio de cortes secos, aqueles que não tem efeitos de transição, nos quais há uma alternância de imagem, de acordo com a letra da música e com a melodia produzidas por um instrumental composto por percussão, baixo acústico, trombone, sax tenor, bateria, guitarra, sintetizador e piano.

Palavras e frases como “padrão”, “respeite minha vida” e “sapatão”, respectivamente apresentadas em 1°38”, 1°40” e 2°40”, compõem uma textualidade do clipe, performatizado no corpo e inscrito com batom. Consoante a isso, em uma análise sobre a Marcha das Vadias, na qual as mulheres também utilizam seus corpos como linguagem de resistência, Bila Sorj e Carla Gomes (2016) alegam:

Pelo artifício da provocação, o corpo é usado para questionar as normas de gênero, em especial as regras de apresentação do corpo feminino no espaço público. Ao mesmo tempo, o corpo é um artefato no qual cada participante procura expressar alguma mensagem que o particulariza (GOMES; SORJ, 2016, p. 438)

Observamos, portanto, que algumas das repressões, pelas quais passamos cotidianamente, são representadas e questionadas no clipe através destas palavras. A busca por um corpo perfeito, difundida pelas mídias sociais, e a banalização das cirurgias plásticas e dos procedimentos estéticos, pelos quais as chamadas “digitais

¹⁹ Captura de tela da participante Maísa Soares no videoclipe *Survivor* (2015). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NlxFf40Lqx4>> Acesso em: ago. 2021.

influencers" se submetem e divulgam sem informar os riscos e os aspectos negativos, reforçam uma pressão estética que, muitas vezes, pode custar a vida, como foi o caso da *influencer* Liliane Amorim²⁰.

Outrossim, as diversas formas de violência relacionadas ao gênero em que somos acometidas – física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, o assédio, a lesbofobia e os inúmeros casos de feminicídios anuais em que sofremos e morremos simplesmente por sermos mulheres também são expostos. Conforme Piedade (2020, p. 14), "[...] Dororidade trata no seu texto, subtexto, das violências que nos atingem a cada minuto." Ou seja, o conceito se instaura e percorre no itinerário da vida das mulheres provocando uma união por meio da dor.

A estereotipagem da loucura (figura 6) também nos é apresentada por duas participantes do clipe – em 2°37" e 2°49". Inúmeras vezes, as vítimas da violência têm medo de denunciar os seus companheiros agressores e serem julgadas e taxadas como loucas, mentirosas ou desequilibradas, tanto pela sociedade, quanto por seus parceiros, em uma tentativa de reverter a situação, como assinala Roschel (2020). Foucault, em seu livro *A História da Loucura na Idade Clássica* (1972), discorre sobre as diversas faces atribuídas à loucura – construto dos próprios homens, a partir dos diferentes contextos históricos, nos quais seus corpos eram marginalizados no meio social. Durante muito tempo a histeria esteve associada ao feminino como uma condição para caracterizar a instabilidade e, ainda hoje, percebemos a reprodução desses discursos como forma de nos desqualificar e, deste modo, nos retirar do âmbito racional para nos colocar no campo das emoções.

Figura 3- Estereotipagem da loucura



Fonte: Youtube (2015)²¹

Percebemos através dos olhares e das representações, feitas com a utilização do batom vermelho, que produzem marcas da nossa resistência, a angústia do que é viver em uma sociedade que em todo tempo demarcou e demarca formas culturais de como se portar. Ao mesmo tempo, por outro lado, o batom, em alguns momentos, pareceu representar a liberdade de algumas delas, quando por exemplo, uma das participantes 2°17" simplesmente o arremessou para trás e permaneceu de cara limpa durante o vídeo, ratificando, portanto, o direito de poder fazer o que quiser, inclusive, de não fazer.

Para Roschel (2020), a sororidade perpassa pelo afeto e pelo reconhecimento por meio das trocas e das vivências. Em vista disso, o clipe *Survivor* refere-se a união

²⁰ Após a realização de uma lipoaspiração, Liliane Amorim, de 26 anos, morreu devido a complicações. Disponível em: <<https://istoe.com.br/morre-influenciadora-digital-liliane-amorim-por-complicacoes-de-lipoaspiracao>> Acesso: jun. 2021

²¹ Captura de tela da participante Letícia Guimarães no videoclipe *Survivor* (2015). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NlxFf40Lqx4>> Acesso em: ago. 2021.

de diferentes mulheres, com as mais diversas histórias, personalidades e características que, por meio deste audiovisual, encontraram uma forma de se colocar sobrepostas às imposições de uma heteronormatividade que contraria a ideia das diferenças e impõe padrões e concepções sobre os corpos. A sororidade carece que "[...] cada uma olhe com sensibilidade para sua própria história, para história de suas amigas e parentes ou até mesmo para história de uma completa desconhecida, e consiga ter empatia com todas" (ROSCHEL, 2020, p. 63). Por consequência, quando transformados em potência, a sororidade e a dororidade tentam romper com o determinismo histórico.

Deste modo, o videoclipe através das participantes, incluindo a sua mãe, Adriana Falcão 1°57" e a sua irmã Isabel Falcão 1°48", assim como algumas integrantes da ONG Think Olga, mostram que Alessandra Guimarães, Alessandra Pereira, Aline Pissinatti, Ananda Banhatta, Bárbara Reis, Barbara Harrington, Beatriz Piffer, Beatriz Sonoda Falcão, Camilly Fagundes, Caroline Gê, Cecília Alfaya, Daniela Avellar, Dida Camero, Drika Lima, Ebony Pinup, Fernanda Ladeira, Fernanda Vale, Flora Menezes, Gabriela Costa, Gilda Midani, Grauciana dos Santos, Ingrid Luz, Isabela Costa, Isabella Freitas, Isis Passos, Isis Luiza, Jô Abdu, Joana Couto, Júlia Drebtchinsky, Julia Liberati, Julia Vilela, Juliana Muniz, Juliana Holanda, Jully Irie, Karine Fernandes, Laís Vieira, Letícia Guimarães, Livia Alves, Lola Harrington, Lorena Rocha, Luíse Bello, Luiza Adnet, Luiza Saturnino, Luna Roia, Maíra Soares, Manu Nóbrega, Manu Soares, Marcelle Vargas, Maria Hollanda, Maria Eduarda, Mariana Marques, Mariana Warth, Marta Lopes, Meiyau Wu, Michelly Mury, Miriam Roia, Natalia Valente, Natalia Warth, Natara Ney, Nayara Fernandes, Patrícia Vassallo, Rafaela Arantes, Raíssa de Paula, Samila Teixeira, Sara Marien, Simone Mazzer, Solange Pal, Sônia Pereira, Tarinis Barcellos, Tereza Gonzalez, Thais Macedo, e Yasmim Batista, assim como todas as mulheres do mundo, em sua pluralidade, são sobreviventes, continuam e continuarão sobrevivendo.

4.1 Sobre a recepção do clipe

Publicado na plataforma de vídeos Youtube, o clipe, até o dia 20 de julho de 2021, possuía cerca de 6.252.520 visualizações. Enquanto 183 mil pessoas deram seu like, 7.600 clicaram em dislike. Além disto, foram deixados na postagem mais de 6.525 comentários dos internautas. Levando em consideração algumas dessas explicações nos comentários, partiremos para a análise de como o público reagiu ao videoclipe *Survivor*, nos apoiando, principalmente, nos conceitos de Iser e Hauss, dois dos precursores da Teoria Estética da Recepção.

Conforme a Teoria Estética da Recepção, a ênfase está na singularidade da leitura do indivíduo e na capacidade de cada sujeito fazer uma nova análise. No entanto, nós leitores, nunca teremos a certeza de que a nossa compreensão sobre a obra é a mais correta ou a verdadeira, o que torna a produção plural. A obra, por sua vez, necessita reservar um espaço para o receptor, conforme a percepção de Iser (1979), "à medida que os vazios indicam uma relação potencial, liberam o espaço das posições denotadas pelo texto para os atos de projeção [...] do leitor. Assim, quando tal relação se realiza, os vazios "desaparecem" (p. 106), e tais vazios tendem a se comportar de forma intencional ou não e são preenchidos conforme as nossas visões de mundo.

Desta maneira, o leitor, responsável pela reinterpretação das produções em diferentes épocas, visto que a recepção tende a gerar diferentes significados conforme o tempo, não apenas contempla o resultado, mas se projeta para dentro dele e se

apropriada subjetivamente do objeto. Ao fazer isto, ele se torna parte da produção artística, vivendo-a e refletindo sobre ela. Nesta lógica, uma usuária utilizando Anathing como identificação, expõe nos comentários da publicação do videoclipe:

Maravilhosa(s), eu chorei assistindo isso, muitos estão a nos julgar, mas ninguém entende toda a nossa dor e toda a nossa luta, temos que continuar sobrevivendo e sobrevivendo, todo o amor do mundo para você, Clarice [...] toda vez que vejo esse vídeo, me arreia - vocês todas, nós todas, somos excelentes!²²

O receptor ainda está imerso nas suas diversas ideologias, aliadas ainda ao seu contexto social, cultural e econômico. Assim sendo, “a noção de construção de significados pelo leitor configura-se através de horizontes sociais do passado penetrando no horizonte do presente providenciando a compreensão e apreensão [...]” (FLORY, 1997, p. 22), isto influencia e contribui diretamente na significação dada, por quem está consumindo o produto.

A obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a “meio e fim”, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então – e não antes disso –, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores (JAUSS, 1994, p. 28).

Seguindo esse viés, o clipe da Clarice Falcão é produzido a partir de uma música já existente e, desta maneira, quem já conhecia a versão original do grupo Destiny's Child já tinha uma noção do que estava por vir, mesmo que a releitura se comporte de uma forma distinta. O trabalho estimula em quem está assistindo justamente uma lembrança do que já foi vivido, sejam elas experiências e/ou sentimentos enquanto uma mulher ou sobre elas. Destarte, os indivíduos, de acordo com as suas subjetividades, expressam nos comentários da publicação o que foi trazido à tona, como podemos notar no relato da espectadora Priscila Caroline:

Esse clip não poderia sair em hora melhor, ontem eu perdi uma amiga, porque o marido matou ela, pq ele tava traindo ela, e ela descobriu e pediu divórcio, ele levou os dois filhos na vizinha, um menino de 3 anos e uma menina de 10 meses e deu 2 tiros na mulher e depois se matou... P ser mulher nesse mundo tem q ter coragem.²³

Segundo Jauss (1980 *apud* FIGURELLI, 1988), “a estética da recepção tem prioridade hermenêutica sobre toda estética da produção por exigir de todo intérprete que ponha conscientemente em jogo sua própria situação na história” (p. 267). Ou seja, o clipe foi elaborado levando em conta o próprio contexto sociocultural de Clarice Falcão, mulher branca, feminista e de classe média alta, bem como o de todas as mulheres presentes, conforme os seus marcadores sociais, que se fazem presentes

²² Comentário retirado da publicação no Youtube mantendo o texto original. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NlxFf40Lqx4>> Acesso em: mai. 2021.

²³ Comentário retirado da publicação no Youtube mantendo o texto original. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NlxFf40Lqx4>> Acesso em: mai. 2021.

no decorrer da obra. Desta forma, quem está presente no clipe, assim como quem o assiste, fazem interpretações à medida em que estão inseridos no mundo.

O clipe traz uma mensagem sobre sororidade/dororidade baseado nos sentimentos de ser uma sobrevivente em meio à uma estrutura enraizada de dominação em que vivemos, além da rejeição dos padrões e dos estereótipos estabelecidos pela sociedade. É através do não-dito, isto é, dos vazios deixados pelos produtores, por meio dos recursos imagéticos, quando as mulheres começam a passar, ou não, o batom vermelho da forma que desejam, que tais mensagens são produzidas formando signos sobre suas resistências. Neste sentido, Thamiris Araujo comenta na publicação no Youtube:

Amo a menina que joga o batom, me sinto tão representada, durante anos ficava triste com os comentários "senta igual mocinha", "usa maquiagem", "você não tem vaidade, parece homem". Hoje eu me aceito e sou muito mais feliz, representatividade importa sim!²⁴

Portanto, constata-se que “[...] o leitor é componente fundamental do processo sendo constantemente invocado” (FLORY, 1997, p. 18). Por isto, conforme os receptores(as) do clipe *Survivor*, de Clarice Falcão, expressam nos comentários da publicação no YouTube sobre os seus mais diversos sentimentos, as suas opiniões, os seus relatos e as suas vivências ou as vivências das outras pessoas, que foram despertados enquanto estavam assistindo ao clipe, a tríade elementar, autor, obra e leitor, da Estética da Recepção se associam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O videoclipe enquanto produção audiovisual é múltiplo e produz efeitos de sentido, como foi o caso da releitura de Clarice Falcão – a qual poderia ter inserido legenda da música em português para torná-lo mais inclusivo. Logo, pode servir como um documento histórico, o qual retrata problemas estruturais que vão além do que se pode inserir na obra e, neste trabalho, devido a implicações que aqui talvez não caibam, mas que em hipótese alguma deixam de ser necessárias.

A sociedade está organizada em uma hierarquia que privilegia homens em detrimento da vida das mulheres. O patriarcado é justamente uma rede de relações entre estes homens, garantindo que o poder permaneça nas mãos deles. Por isto, a sororidade e a dororidade se fazem importantes em nossa luta, embora existam críticas partindo do feminismo decolonial devido à predominância de um feminismo branco eurocêntrico que não deu voz e vez para a pluralidade existente, hoje, através da interseccionalidade, talvez exista uma possibilidade de pensar um novo modelo de sociedade.

Desde a infância, as repressões se fazem presentes e nos acompanham ao decorrer da nossa vida, dia após dia. Somos ensinadas a nos odiar, odiar o nosso corpo, o nosso cabelo e a competir umas com as outras. Somos chamadas de loucas, acometidas por diversos tipos de violências e diariamente algumas de nós são silenciadas definitivamente. Constantemente estamos nos submetendo a busca por uma aceitação que nos foi imposta e que nunca irá se cumprir, pois não passa de uma utopia que produziu sequelas culturais e históricas que fazem de nós sobreviventes, e que pouco a pouco, através das nossas lutas, vão sendo superadas.

²⁴ Comentário retirado da publicação no Youtube mantendo o texto original. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NlxFf40Lqx4>> Acesso em: mai. 2021.

As opressões expostas no clipe, por intermédio da metáfora do batom vermelho, se fazem presentes cotidianamente e nos atingem de formas distintas. Podemos perceber isto por meio dos signos de resistência produzidos pelas participantes, das palavras que compõem o cenário do clipe e dos comentários das usuárias na publicação no Youtube. Se teve algo que os debates acerca do feminismo interseccional nos ensinaram é que o ser mulher é marcado e influenciado por questões de raça, de classe e de outros fatores sociológicos.

Foram séculos sendo invisibilizadas, caladas e reduzidas a um discurso de inferioridade, o que obteve, inclusive, não só um amparo dos mais diversos âmbitos, mas também um suporte científico. É em razão disto que as produções historiográficas sobre as mulheres devem ser feitas nos mais diversos campos, em uma tentativa de amenizar a ausência histórica. Por isto, é importante que nós, enquanto historiadores/as, possamos trabalhar e analisar outras fontes que não façam parte dos ditos oficiais.

Nosso silêncio sempre gritou e, hoje, um coletivo de vozes ecoa. Ao final do clipe é exibida a seguinte frase: "É preciso ter coragem para ser mulher nesse mundo. Para viver como uma. Para escrever sobre elas". As nossas lutas são contínuas e se transformam ao passo que novas urgências surgem, elas nunca se encerram em nós mesmas, continuamos resistentes na caminhada, afinal, somos e precisamos ser *Survivors*.

REFERÊNCIAS

- BERTH, JOICE. **Empoderamento**. São Paulo: Polén, 2019.
- BOGADO, Maria. Rua. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão feminista: arte cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- DEAN, Michelle. **Afiadas: As mulheres que fizeram da opinião uma arte**. Trad. Bernardo Ajzenberg. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2018.
- FALCÃO, Clarice. 1 vídeo (3min22seg). **Clarice Falcão – Survivor**. Publicado pelo canal falcaoclarice, 2015. Disponível em: <<https://youtu.be/NlxFf40Lqx4>>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- FIGURELLI, Roberto. **Hans Robert Jauss e a Estética da Recepção**. Revista Letras: Curitiba, v. 37, p. 265-285. 1988. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19243>>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Ocidental**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- FLORY, Suely Fadul Villibor. **O leitor e o labirinto**. São Paulo: Arte e ciência, 1997. p. 17-41.
- GOMES, C.; SORJ, B. **Corpo, geração e identidade: A marcha das vadias no Brasil**. Sociedade e Estado, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 433–447, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5896>>. Acesso em: 18 jun. 2021.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. *In*: JAUSS, Hobert Hauss et. all. **A literatura e o leitor**. Coord. e Trad. Luiz Costa Lima. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Trad: Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.
- MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Trad. Lauro Antônio e Maria Eduarda Colares. Lisboa: Dinalivro, 2005.
- PEDROSO, Maria Goretti; MARTINS, Rosana. **Admirável mundo MTV Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2006.

PEREZ, Olívia Cristina. **A quarta onda feminista**: interseccional, digital e coletiva. Etiquetas: 2019. Disponível em: <<https://alacip.org/?todasponencias=a-quarta-onda-feminista-interseccional>> Acesso em: jun. 2021.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução Denise Bottmann. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2020.

RODRIGUES, Chris. **O cinema e a produção**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

ROSCHEL, Paula. **#Sororidade**: Quando a Mulher Ajuda a Mulher. São Paulo: Editora Europa, 2020.

SOARES, Thiago. **A estética do videoclipe**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

SOARES, Thiago. **Videoclipe**: o elogio da desarmonia. Pernambuco: Livro rápido. 2004.

TREVISAN, Michelle Kapp. **A Era MTV**: Análise estética de videoclipe (1984-2009). Tese (Doutorado) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Departamento de Comunicação, 2011.

ANEXO A – VERSÕES DA MÚSICA *SURVIVOR*

Survivor – Destiny's Child²⁵

Sobrevivente – Destiny's Child

Now that you're out of my life
I'm so much better
You thought that I'd be weak without
you
But I'm stronger
You thought that I'd be broke without
you
But I'm richer
You thought that I'd be sad without
you
I laugh harder
You thought I wouldn't grow without
you
Now I'm wiser
Though that I'd be helpless without
you
But I'm smarter
You thought that I'd be stressed
without you
But I'm chillin'
You thought I wouldn't sell
without you
Sold 9 million

Agora que você está fora da minha vida
Estou muito melhor
Você pensou que eu ficaria fraca sem
você
Mas estou mais forte
Você pensou que eu ficaria falida sem
você
Mas estou mais rica
Você pensou que eu ficaria triste sem
você
Eu rio mais alto
Você pensou que não cresceria sem
você
Agora estou mais sábia
Você pensou que eu ficaria desamparada
sem você
Mas estou mais esperta
Você pensou que eu ficaria estressada sem
você
Mas estou tranquila
Você pensou que eu não conseguiria vender
sem você
Vendi 9 milhões

I'm a survivor (What?)
I'm not gon give up (What?)
I'm not gon stop (What?)
I'm gon work harder (What?)
I'm a survivor (What?)
I'm gonna make it (What?)
I will survive (What?)
Keep on survivin' (What?) (2x)

Eu sou uma sobrevivente (o quê?)
Eu não vou desistir (o quê?)
Eu não vou parar (o quê?)
Eu vou trabalhar mais duro (o quê?)
Eu sou uma sobrevivente (o quê?)
Eu vou chegar lá (o quê?)
Eu vou sobreviver (o quê?)
Continuo sobrevivendo (o quê?) (2x)

Thought I couldn't breathe without
you
I'm inhaling
You thought I couldn't see
without you
Perfect vision
You thought I couldn't last
without you
But I'm lastin'

Pensou que eu não conseguira respirar sem
você
Estou inalando
Você pensou que não conseguiria enxergar
sem você
Visão perfeita
Você pensou que não conseguiria perseverar
sem você
Mas estou perseverando

²⁵ Disponível letra e tradução em: <<https://www.letras.mus.br/destinys-child/10601/traducao.html>>
Acesso em: mai. 2021.

You thought that I would die without you But I'm livin'	Você pensou que eu morreria sem você Mas estou vivendo
Thought that I would fail without you But I'm on top	Você pensou que eu fracassaria sem você Mas estou no topo
Thought it would be over by now But it won't stop	Pensou que isso já teria acabado agora Mas não vai parar
Thought that I would self destruct But I'm still here	Pensou que eu me autodestruiria Mas ainda estou aqui
Even in my years to come I'm still gon be here	Mesmo em meus anos que estão por vir Eu ainda continuarei aqui
I'm a survivor (What?) I'm not gon give up (What?) I'm not gon stop (What?) I'm gon work harder (What?) I'm a survivor (What?) I'm gonna make it (What?) I will survive (What?) Keep on survivin' (What?) (2x)	Eu sou uma sobrevivente (o quê?) Eu não vou desistir (o quê?) Eu não vou parar (o quê?) Eu vou trabalhar mais duro (o quê?) Eu sou uma sobrevivente (o quê?) Eu vou chegar lá (o quê?) Eu vou sobreviver (o quê?) Continuo sobrevivendo (o quê?) (2x)
I'm wishin' you the best Pray that you are blessed Bring much success, no stress, and lots of happiness (I'm better than that) I'm not gon blast you on the radio (I'm better than that) I'm not gon lie on you and your family (I'm better than that) I'm not gon hate on you in the magazines (I'm better than that) I'm not gon compromise my Christianity (I'm better than that) You know I'm not gon diss you on the internet Cause my mama taught me better than that	Eu estou desejando o melhor para você Rezo para que seja abençoado Muito sucesso, sem estresse e muita felicidade (Eu sou melhor do que isto) Eu não vou te atacar no rádio (Eu sou melhor que isto) Eu não vou mentir sobre você e sua família (Eu sou melhor que isto) Eu não vou te odiar nas revistas (Eu sou melhor que isto) Eu não vou comprometer minha cristandade (Eu sou melhor que isto) Você sabe que eu não vou te difamar na internet Porque minha mãe me ensinou a ser melhor que isto
I'm a survivor (What?) I'm not gon give up (What?) I'm not gon stop (What?) I'm gon work harder (What?) I'm a survivor (What?) I'm gonna make it (What?) I will survive (What?) Keep on survivin' (What?) (2x)	Eu sou uma sobrevivente (o quê?) Eu não vou desistir (o quê?) Eu não vou parar (o quê?) Eu vou trabalhar mais duro (o quê?) Eu sou uma sobrevivente (o quê?) Eu vou chegar lá (o quê?) Eu vou sobreviver (o quê?) Continuo sobrevivendo (o quê?) (2x)

Oh (oh) oh (oh)...

After of all of the darkness and
sadness
Soon comes happiness
If I surround my self with positive
things
I'll gain prosperity

I'm a survivor (What?)
I'm not gon give up (What?)
I'm not gon stop (What?)
I'm gon work harder (What?)
I'm a survivor (What?)
I'm gonna make it (What?)
I will survive (What?)
Keep on survivin' (What?)

Oh (oh) oh (oh)...

Depois de toda a escuridão e
tristeza
Logo vem a felicidade
Se eu me cercar com
coisas positivas
Eu ganharei prosperidade

Eu sou uma sobrevivente (o quê?)
Eu não vou desistir (o quê?)
Eu não vou parar (o quê?)
Eu vou trabalhar mais duro (o quê?)
Eu sou uma sobrevivente (o quê?)
Eu vou chegar lá (o quê?)
Eu vou sobreviver (o quê?)
Continuo sobrevivendo (o quê?)

Survivor – versão Clarice Falcão²⁶

Sobrevivente – versão Clarice Falcão

Now that you're out of my life
I'm so much better
You thought that I'd be weak without
you
But I'm stronger
You thought that I'd be broke without
you
But I'm richer
You thought that I'd be sad without
you
I laugh harder

You thought I wouldn't grow without
you
Now I'm wiser
Though that I'd be helpless without
you
But I'm smarter
You thought that I'd be stressed
without you
But I'm chillin'
You thought I wouldn't sell without

Agora que você está fora da minha vida
Eu estou muito melhor
Você pensou que eu estaria fraca sem
você
Mas eu sou mais forte
Você pensou que eu estaria falida sem
você
Mas eu sou mais rica
Você pensou que eu ficaria triste sem
você
Eu rio com mais vontade

Você pensou que eu não iria crescer sem
você
Agora eu sou mais sábia
Pensou que eu seria impotente sem
você
Mas eu sou mais inteligente
Você pensou que eu estaria estressada
sem você
Mas eu sou arrepiante
Você pensou que eu não iria vender sem

²⁶ Disponível letra e tradução em: <<https://www.letras.mus.br/clarice-falcao/survivor/traducao.html>>
Acesso em: mai. 2021.

you
Sold 9 million

Thought I couldn't breathe without you
I'm inhaling
You thought I couldn't see without you
Perfect vision
You thought I couldn't last without you
But I'm lastin'
You thought that I would die without
you
But I'm livin'
You thought that I would fail without
you
But I'm on top
You thought it would be over by now
But it won't stop
You thought that I would self destruct
But I'm still here
Even in my years to come
I'm still gon' be here

I'm a survivor
I'm not gon' give up
I'm not gon' stop
I'm gon' work harder
I'm a survivor
I'm gonna make it
I will survive
Keep on survivin'

I'm wishin' you the best
Pray that you are blessed
Bring much success, no stress, and
lots of happiness
(I'm better than that)
I'm not gon' blast you on the radio
(I'm better than that)
I'm not gon' lie to you and your family
(I'm better than that)
I'm not gon' hate on you in the
magazines
(I'm better than that)
I'm not gon' compromise my
Christianity
(I'm better than that)
You know I'm not gon' diss you on the
internet

Você
Vendi 9 milhões

Pensou que não podia respirar sem você
Estou respirando
Você pensou que eu não podia ver sem
você
Visão perfeita
Você pensou que eu não poderia durar
sem você
Mas estou durando
Você pensou que eu iria morrer sem você
Mas estou vivendo
Pensou que eu iria falhar sem você
Mas eu estou no topo
Pensou que teria acabado agora
Mas não vai parar
Pensou que eu iria me destruir
Mas eu ainda estou aqui
Mesmo nos anos que virão
Eu ainda estarei aqui

Eu sou uma sobrevivente
Eu não vou desistir
Eu não vou parar
Eu vou trabalhar mais duro
Eu sou uma sobrevivente
Eu vou fazer isso
Eu vou sobreviver
Continuar sobrevivendo

Eu estou te desejando o melhor
Rezo para que você seja abençoado
Tenha muito sucesso, sem estresse e
muita felicidade
(Eu sou melhor do que isso)
Eu não vou te explodir no rádio
(Eu sou melhor do que isso)
Eu não vou mentir para você e sua família
(Eu sou melhor do que isso)
Eu não vou odiar você nas
revistas
(Eu sou melhor do que isso)
Eu não vou comprometer minha
cristandade
(Eu sou melhor do que isso)
Você sabe que eu não vou te chatear na
internet

Cause my mama taught me better
than that

I'm a survivor
I'm not gon' give up
I'm not gon' stop
I'm gon' work harder
I'm a survivor
I'm gonna make it
I will survive
Keep on survivin'

I'm a survivor
I'm not gon' give up
I'm not gon' stop
I'm gon' work harder
I'm a survivor
I'm gonna make it
I will survive
Keep on survivin'

I'm a survivor
I'm not gon' give up
I'm not gon' stop
I'm gon' work harder
I'm a survivor
I'm gonna make it
I will survive
Keep on survivin'

Porque minha mãe me ensinou a ser
melhor do que isso

Eu sou uma sobrevivente
Eu não vou desistir
Eu não vou parar
Eu vou trabalhar mais duro
Eu sou uma sobrevivente
Eu vou fazer isso
Eu vou sobreviver
Continuar sobrevivendo

Eu sou uma sobrevivente
Eu não vou desistir
Eu não vou parar
Eu vou trabalhar mais duro
Eu sou uma sobrevivente
Eu vou fazer isso
Eu vou sobreviver
Continuar sobrevivendo

Eu sou uma sobrevivente
Eu não vou desistir
Eu não vou parar
Eu vou trabalhar mais duro
Eu sou uma sobrevivente
Eu vou fazer isso
Eu vou sobreviver
Continuar sobrevivendo

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria Iranete dos Santos Furtado e ao meu pai, Acácio Furtado Costa, pelo suporte e estabilidade que me fizeram chegar até aqui.

Ao professor Dr. Carlos Adriano, pela paciência, incentivo e por tornar esse processo mais leve.

À professora Dr. Elisa Mariana, pelo direcionamento inicial que tornou essa temática em um projeto de pesquisa.

Às minhas amigas do curso, Aldiany Luna, Clarice Emanuelle, Fernanda Araújo, Kátia Priscila e Lavynnia Thereza que me acolheram e me incluíram em suas vidas, foi através de vocês que eu pude ver constantemente a prática da sororidade.

Ao meu amigo, Gustavo Melo, pela disponibilidade e paciência em ler esse artigo algumas vezes.